

## A relação entre ideologia e protesto sob uma perspectiva comparada

### The relationship between ideology and protest from a comparative perspective

\*Daniel Rocha<sup>1</sup>

\*Ednaldo Ribeiro<sup>2</sup>

#### Resumo

Este estudo investiga a relação entre ideologia e protesto, questionando a perspectiva de assimetria que destaca o protagonismo da esquerda. Argumentamos que as tendências de protestos variam conforme fatores contextuais. Testamos duas hipóteses: (H1) a disponibilidade atitudinal modera a relação entre ideologia extrema e engajamento em protestos; (H2) a polarização política e a orientação do governo influenciam a mobilização ideológica. Para testar essas hipóteses, analisamos os dados da última onda do World Values Survey (WVS 7), utilizando modelos logísticos hierárquicos. Os resultados indicam que a polarização cultural afeta a mobilização da esquerda, enquanto a polarização política impacta a direita, confirmando parcialmente as hipóteses.

**Palavra-chave:** protesto; ideologia; polarização; governo; disposições atitudinais.

#### Abstract

This study investigates the relationship between ideology and protest, questioning the perspective of asymmetry that highlights the protagonism of the left. We argue that protest trends vary according to contextual factors. We test two hypotheses: (H1) attitudinal availability moderates the relationship between extreme ideology and engagement in protests; (H2) political polarization and government orientation influence ideological mobilization. To test these hypotheses, we analyzed data from the latest wave of the World Values Survey (WVS 7), using hierarchical logistic models. The results indicate that cultural polarization affects left-wing mobilization, while political polarization impacts the right wing, partially confirming the hypotheses.

**Keyword:** protest; ideology; polarization; government; attitudinal dispositions.

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Representação e Legitimidade Democrática (INCT-ReDem, Curitiba, PR, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4005-1497>.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC/UEM, Maringá, PR, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4005-5108>.

## Introdução<sup>3</sup>

Indivíduos identificados com os extremos ideológicos são mais suscetíveis à participação em protestos? A invasão do Capitólio nos Estados Unidos, após a derrota de Donald Trump em 2020, e a invasão da Praça dos Três Poderes no Brasil, após a derrota de Jair Bolsonaro em 2022, são casos paradigmáticos em que os líderes derrotados tiveram um papel crucial na mobilização de apoiadores radicais. Apesar dos altos custos envolvidos, o componente ideológico emergiu como um fator decisivo na mobilização dos partidários de Trump e Bolsonaro.

Existe uma literatura que argumenta que a relação entre ideologia e protesto é assimétrica, destacando-se a esquerda sobre esse tipo de ação (Dalton; Rohrschneider, 2002; Gutting, 2020). Dentre as explicações para essa assimetria, consideram-se as questões que mobilizam cada espectro ideológico, como a deferência à autoridade e normas do grupo (Duckitt; Bizumic, 2013; Stenner, 2009), identificação com questões liberais (Inglehart; Welzel, 2009) e valores de conformidade e segurança (Malka, Inzlicht; Lelkes, 2014). A mobilização da direita em anos recentes problematiza essa assimetria da esquerda, sugerindo que a relação entre ideologia e protesto não tem uma direção tão clara como se propõe.

Gutting (2020) destaca que as tendências de protestos da esquerda e da direita variam a depender de fatores contextuais. Kostelka e Rovny (2019), por exemplo, argumentam que não seria a “esquerda” que engendra o protesto, mas o legado histórico-cultural e os índices de liberalismo de cada região que fornecem os elementos mobilizadores e que são apropriados por cada segmento ideológico. Kleiner (2018), por sua vez, aponta que o ambiente de polarização política fornece um contexto de ameaças às noções normativas, acentuando a defesa de atitudes e valores que são conflitantes e que essas posturas estão altamente relacionadas com a maior incidência de protestos da esquerda e da direita. Assim, esses estudos são menos dogmáticos sobre a assimetria à esquerda do comportamento de protesto.

A análise da relação entre ideologia e protesto é de particular importância, porque as principais dimensões explicativas desse tipo de ação têm se concentrado em fatores não políticos, como a privação relativa e a disponibilidade de recursos (Grasso; Giugni, 2016). O papel específico do componente ideológico e a complexidade do enquadramento da variável ‘ideologia’ permanecem pouco explorados. O recorte político das dinâmicas de protesto é relevante considerando que os movimentos contemporâneos frequentemente incorporam elementos ideológicos distintos e, por vezes, contraditórios em suas agendas. É válido salientar que o componente ideológico tem ganhado maior relevância acadêmica nos últimos anos, em razão do contexto de crescente polarização política (Borba; Ribeiro; Fuks). Os estudos de Svolik (2019) e Graham e Svolik (2020) são categóricos em defender que o partidarismo e a militância ideológica se intensificam nesses contextos.

Partindo do pressuposto de que a participação em protestos resulta de uma combinação entre predisposições ideológicas e condições contextuais, este estudo avança duas hipóteses centrais. A primeira (H1) propõe que a disponibilidade atitudinal modera a relação entre posicionamentos ideológicos extremos e a probabilidade de engajamento em protestos. A segunda (H2) sugere que tanto o

---

<sup>3</sup> Agradecemos aos pareceristas pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições oferecidas a este artigo. Seus comentários e sugestões foram fundamentais para o aprimoramento do texto.

contexto de polarização política quanto a orientação do governo no poder influenciam as condições sob as quais indivíduos localizados nos extremos ideológicos optam por se mobilizar. Essas proposições serão discutidas e fundamentadas de forma mais detalhada na seção teórica.

Trabalhamos com dados da última onda do World Values Survey (WVS 7), que contém amostras representativas de 61 países, de cinco continentes. Para analisar a relação entre ideologia e protesto em uma perspectiva comparada, foi utilizado um modelo logístico hierárquico, adequado para dados organizados em níveis. De maneira geral, os resultados indicam que a influência dos posicionamentos ideológicos extremos sobre a mobilização depende tanto de disposições individuais quanto de fatores contextuais, como a polarização política e cultural. As evidências sugerem que tais condições moldam de forma distinta os padrões de protesto entre direita e esquerda, reforçando a importância de considerar elementos atitudinais e de contexto na análise do ativismo político.

Este artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução. As primeiras três seções abordam as questões, as proposições e as relações esperadas entre ideologia e protesto. Na quarta seção, descrevemos os materiais e os métodos utilizados, com destaque para a construção da categoria “disponibilidade atitudinal” e dos fatores políticos de contexto. Na quinta e na sexta seção, apresentamos os dados e discutimos os resultados de pesquisa.

### **Limites de mensuração e interpretação da ideologia**

O uso da ideologia em estudos do campo do comportamento político enfrenta algumas questões (Pereira, 2013). A primeira é o viés de seleção: a tese clássica argumenta que a identificação ideológica é reservada a um grupo seletivo de indivíduos mais escolarizados (Converse, 2006[1964]). Esse viés é problemático porque torna difícil separar os efeitos reais da ideologia das características que levaram à seleção (grau de instrução, conhecimento político e interesse por política). A segunda é a endogeneidade, fazendo com que a ideologia capte indiretamente o efeito de alguma variável omitida. A terceira é o efeito da heterogeneidade dentro dos grupos, porque a ideologia pode ter um impacto maior entre os mais educados e ser irrelevante ou até inexistente entre os menos educados.

As formas de mensuração também trouxeram ressalvas à validade da medida ideológica. Lafferty e Knutsen (1984) argumentam que uma escala que sugira um ponto central, por exemplo, uma escala de 7 pontos, tenderia a inflacionar o número de centristas, particularmente entre aqueles que defendem o centro como uma postura neutra. Kroh (2007), por sua vez, argumenta que a ausência de um ponto central levaria ao aumento de não respostas entre os que se posicionam ao centro, já que o indivíduo não se sentiria contemplado na distribuição dos níveis da escala. Finalmente, existem pesquisas que questionam o modelo unidimensional da ideologia (Duckitt; Bizumic, 2013; Feldman; Johnston, 2009), propondo, em seu lugar, um modelo multidimensional que incorpore questões econômicas e culturais para avaliar as atitudes individuais. A existência dessas questões não invalida a hipótese de que a ideologia influencia o comportamento político, mas ressalta a necessidade de um desenho de pesquisa que isole o efeito de outros fatores, sejam elas características individuais ou ambientais, bem como considere os limites de uma medida unidimensional da ideologia.

Neste artigo, partimos da definição de ideologia como uma estrutura ou modelo mental socialmente compartilhado (Brandt; Sleegers, 2021; Federico; Malka, 2021) e que pode ser reforçado pelas elites políticas (Jost; Federico; Napier, 2013). Os rótulos ideológicos esquerda *versus* direita funcionariam como heurísticas que resumem um conjunto de temas latentes na opinião pública (Brady; Sniderman, 1985), auxiliando os indivíduos em suas decisões políticas. Nesta direção, a ideologia atuaria como dimensão organizadora das crenças individuais (Feldman; Conover, 1983; Lafferty; Knutson, 1984), constituindo-se como identidade coletiva.

### **Ideologia como preditora do protesto**

A literatura sobre protestos tende a concordar que a ideologia importa na medida em que ela comunica uma identidade de grupo (Downey, 1986; Melucci, 1988; Opp, 2009). Primeiro, porque se constituiria como um esquema mental que resume um conjunto de posições sobre temas sensíveis que dividem opiniões. Segundo, porque a ideologia orientaria quais recursos utilizar (quando disponíveis), quais estratégias são legítimas e se as oportunidades disponíveis aumentam as chances de sucesso. Por exemplo, o repertório de protesto, da greve e outras estratégias não institucionais de participação são familiares aos grupos de esquerda. A resistência às formas disruptivas de participação costuma estar no horizonte dos grupos de direita. Assim, a ideologia tanto comunica uma identidade de grupo quanto se traduz em um hábito político.

Se a ideologia reflete uma disposição interna do indivíduo que se traduz em comportamentos, a forma como os movimentos sociais enquadram os temas políticos teria um efeito multiplicador sobre essas disposições internas. O enquadramento resulta da interação e do uso estratégico dos símbolos que orientam a militância em direção a um objetivo comum. Tarrow (2009) foi assertivo ao argumentar que os elementos que compõem o quadro (*frame*) não estão automaticamente disponíveis e é através da mobilização das questões sensíveis ao debate público (Klandermans, 1984) que os atores descobrem quais são os valores que devem ser alinhados. Neste sentido, o quadro (*frame*) é construído durante o processo de mobilização, constituindo-se como uma estratégia ou tática estruturante desse processo (Polletta; Jasper, 2001).

Por sua vez, a ideologia é um conteúdo composto de múltiplas crenças, que é socialmente compartilhado e está ancorado numa identidade social (Federico; Malka, 2021). A ideologia pode ser representada tanto pelo seu conteúdo simbólico, como identificar-se com o rótulo esquerda e direita, quanto pelo seu conteúdo operacional, como a inclinação geral das preferências de cada um (Ellis; Stimson, 2012). Portanto, um quadro pode ser formado por um conjunto de conteúdos ideológicos. A tese de que o enquadramento dos movimentos reforça disposições atitudinais encontra respaldo na discussão de McAdam (1986) sobre o cadastro de eleitores negros no Mississippi/EUA. Argumenta-se que o engajamento político depende de alguma disponibilidade atitudinal para com a agenda do grupo em questão. Snow e Benford (1988) também fornecem elementos nessa direção, afirmando que uma das características do enquadramento é o alinhamento de disposições atitudinais a uma causa comum.

## Repensando a relação entre ideologia e protesto: estratégias analíticas e contextuais

A literatura sobre ideologia e protesto enfrenta um desafio: a dificuldade de mensurar e interpretar a ideologia de forma a capturar sua efetiva influência sobre a ação política. Parte do problema decorre do viés de seleção associado ao engajamento individual, bem como da variação contextual que pode alterar o retorno da ideologia em diferentes ambientes políticos. Para avançar nesse debate, propomos uma estratégia analítica que combina mecanismos de moderação individual e condicionantes contextuais.

No nível individual, a causa comum, fortalecida pela dimensão atitudinal, é pautada pelo compartilhamento de quadros cognitivos comuns, pela interação entre os indivíduos e pelas experiências de ativismos anteriores (Klandermans, 1992; Polletta; Jasper, 2001). Além dos quadros cognitivos comuns, Schussman e Soule (2005), Beyerlein e Hipp (2006) e Almeida (2020) também consideram que as características sociodemográficas podem contribuir com o reconhecimento de pertencimento a um grupo. Por exemplo, citamos o movimento Black Lives Matter, nos Estados Unidos, que mobilizou diversos protestos contra o racismo e a violência policial no ano de 2020, e os estudantes que se mobilizaram em favor do controle de armas em 2018. A questão racial e a do armamento são temas sensíveis entre os norte-americanos e afetam especialmente os negros e os jovens. Outros temas, como a legalização do aborto, a violência doméstica, as desigualdades salariais entre os gêneros, afetam diretamente as mulheres em diversos países. Nestes casos, a identificação com um grupo (Opp, 2009), que contribui com a percepção de um “nós”, pode estar associada com um aumento nas chances de protestar (Kelly; Breinlinger, 1996; Klandermans, 1992; Stürmer; Simon, 2004). Diante desses argumentos, propomos como hipótese:

*(H1) a disponibilidade atitudinal modera a forma como os extremos ideológicos se traduzem em protesto.*

A análise dessa hipótese nos permite avaliar se a interação entre posição ideológica e engajamento político captura a heterogeneidade do efeito ideológico entre perfis de participação, reduzindo as limitações de abordagens que assumem efeitos homogêneos.

A literatura sobre protestos também argumenta que fatores contextuais influenciam as dinâmicas de ação coletiva. Eisinger (1973), referência clássica dessa discussão, propõe que as estruturas de oportunidades geram expectativas que, quando frustradas, em razão do descompasso entre avanços institucionais e o atendimento das demandas individuais, tornam-se ambientes propícios para protestos. O estudo de Dalton (2010) foi inovador ao propor um nexo causal entre contexto, características individuais e protesto. Para o autor, a combinação de níveis médios de desenvolvimento econômico e as características de centralidade social são os principais determinantes do protesto.

A retomada da discussão sobre a teoria da privação relativa na Europa (Galais; Lorenzini, 2017; Klandermans; Roefs; Olivier, 2001; Kurér et al., 2019) também foi decisiva para articular o cenário de crise econômica e o descontentamento de grupos sociais desfavorecidos em dinâmicas de protesto. Nestes estudos, a desigualdade e o desemprego são considerados os principais fatores ambientais que moderam o descontentamento dos indivíduos. Está claro, nesta literatura, que os fatores institucionais e econômicos são tradicionalmente considerados em estudos comparados.

Contudo, outra dimensão política pouco explorada em estudos sobre protestos se refere ao contexto de polarização e à orientação ideológica do governo no poder.

Pesquisas recentes têm apontado que o contexto polarizado tem impacto sobre o aumento nos níveis de participação política (Van der Meer; Van Deth; Scheepers, 2009; Whitford; Yates; Ochs, 2006). Kleiner (2020) propõe que a polarização reforça as ameaças às crenças individuais, porque o sucesso de um grupo representa prejuízos ao grupo perdedor. A partir da perspectiva das queixas, que explora o efeito da frustração das expectativas sociais sobre o comportamento político, o autor defende que a polarização anteciparia a sensação de privação, convertendo-se em ação política. A tese é de que os cidadãos se mobilizam na medida em que suas crenças e valores são ameaçados. Esse efeito seria mais forte entre os indivíduos que se localizam nos extremos ideológicos, tendo um papel multiplicador sobre o protesto.

A teoria da privação relativa (Kurer *et al.*, 2019) defende que a cidadania é um produto de aspectos estruturais do ambiente. Considerar o fator “polarização” neste eixo contribui para uma leitura política do descontentamento. Esse recorte ganha particular importância quando consideramos que o extremismo ideológico é reforçado em contextos polarizados (Ribeiro; Borba, 2020; Ribeiro; Borba; Fuks, 2022; Borba; Ribeiro; Fuks, 2024). Se a ideologia é um determinante do protesto, assumimos que o contexto de polarização pode moderar essa relação.

Van der Meer, Van Deth e Scheepers (2009) pontuam que a posição ideológica do governo também pode ativar uma postura defensiva, quando ameaça a sobrevivência das crenças de grupos desalinhados ideologicamente. Esse argumento é plausível se recuperarmos os eventos recentes da invasão do Capitólio nos EUA e da Praça dos Três Poderes no Brasil. Essas discussões têm implicações analíticas objetivas, porque reconhecem que a relação entre ideologia e protesto é mediada ou confundida por fatores individuais e ambientais. Com isso, propomos como hipótese:

*(H2) o contexto de polarização política e a orientação do governo no poder moldam as condições em que indivíduos que se localizam nos extremos ideológicos decidem protestar.*

Ao considerar a polarização política e a orientação ideológica, exploramos como o ambiente político modula o vínculo entre ideologia e protesto, oferecendo um enquadramento para hipóteses sobre efeitos cruzados. Essas propostas não apenas enfrentam as dificuldades de validade inferencial ligadas a um construto multidimensional, mas também abrem espaço para hipóteses mais precisas sobre quando e como a ideologia se converte em mobilização.

## Materiais e procedimentos metodológicos

Trabalhamos com dados da última onda do World Values Survey (WVS 7)<sup>4</sup> que contém amostras representativas de 61 países, dos cinco continentes, com 91.666 observações. Nossa variável dependente é o protesto efetivo, construída a partir da

<sup>4</sup> Para acesso online das variáveis: 1. <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSSonline.jsp>; 2. Escolher onda 2017-2022; 3. Selecionar todos os países; 4. Variáveis: Protesto (Q211); Ideologia (Q240); Filiação a partido político (Q98), sindicato (Q97) e organização ambiental (Q99); Issues econômicos: salários iguais x diferentes (Q106); público x privado (Q107); bem-estar x liberalismo econômico (Q108); cooperação x competição (Q109); Issues culturais: homossexualidade (Q182), prostituição (Q183), aborto (Q184) e divórcio (Q185).

pergunta: "Vou ler algumas formas de atuação política que as pessoas podem ter e gostaria que me dissesse se já fez alguma dessas coisas, se poderia vir a fazer ou se não faria nunca". Codificamos esta variável entre "Já fiz" (1) e "Poderia fazer" e "Não faria nunca" (0). A variável ideologia está originalmente organizada numa escala de 10 pontos e foi categorizada em três faixas: esquerda (1,2,3), centro (4,5,6,7) e direita (8,9,10). Em valores agregados, registramos 14,09% de protestos.

Nossa primeira hipótese mobiliza os conceitos de disponibilidade atitudinal (McAdam, 1986) e de alinhamento ideológico (Snow; Benford, 1988). Para tanto, o fator "engajamento" é central na operacionalização desses conceitos. Como o foco recai sobre a dimensão política do engajamento, selecionamos, entre os itens disponíveis, apenas filiação a partido político e a sindicato, instituições tradicionais, além da participação em organizações ambientais, que representam uma dimensão mais contemporânea das lutas sociais.

Nossa segunda hipótese considera um fator ambiental como moderador da relação entre ideologia e protesto. Para mensurar os níveis de polarização política, utilizamos um item da base de dados do Varieties of Democracy (V-Dem)<sup>5</sup>, que questiona: "A sociedade está polarizada em campos antagônicos e políticos?". De acordo com o livro de códigos, sociedades são consideradas altamente polarizadas quando os partidários de campos políticos opositos demonstram relutância em manter interações amistosas. Kleiner (2020) observa que, em sociedades polarizadas, surgem temas salientes que mobilizam a opinião pública; há uma divisão crescente em grupos antagônicos e mutuamente excludentes; e as crenças e valores tendem a ser consistentes, reforçando identidades sociais. Recodificamos essa variável em uma escala de 0 a 10, na qual valores mais próximos de 10 indicam maior polarização.

Adicionalmente, construímos duas medidas complementares de polarização, considerando tensões econômicas e culturais. Para a polarização econômica, incluímos *issues* como igualdade *versus* desigualdade salarial, papel do setor público *versus* privado, bem-estar social *versus* liberalismo econômico e cooperação *versus* competição. Para a polarização cultural, consideramos temas como aceitação da homossexualidade, prostituição, aborto e divórcio. Seguimos a estratégia proposta por Kleiner (2019, p. 949), que consiste em calcular a média das posições dos grupos opositores em relação a essas questões para cada país e, em seguida, multiplicar uma média pela outra. Essa abordagem permite capturar quantitativamente a intensidade da divisão entre grupos em diferentes dimensões do debate público. Segundo o autor, um indicador individual é mais adequado para detectar as consequências da polarização sobre o comportamento político.

**Quadro 1 – Estratégia de construção das variáveis de polarização econômica e cultural**

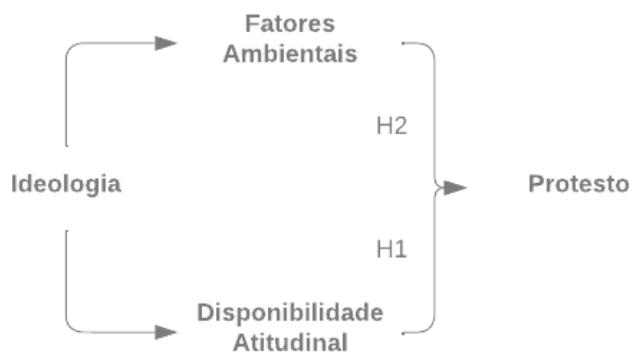
	ESQUERDA									DIREITA
Variável Original	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Direita	0	0	0	0	0	1	2	3	4	5
Esquerda	5	4	3	2	1	0	0	0	0	0
<i>Fórmula: Polarização = Média<sub>Esquerda</sub> x Média<sub>Direita</sub></i>										

**Fonte:** Adaptado de Kleiner (2020, p. 949).

<sup>5</sup> Acesso para os dados do V-Dem: 1. <https://v-dem.net/>; 2. Datasets; 3. Variável: Polarização (v2cacamps).

Para capturar a orientação ideológica dos governos, utilizamos informações sobre líderes políticos a partir do conjunto de dados Global Leader Ideology (Herre, 2023). Este conjunto de dados classifica líderes em 182 países, anualmente, de 1945 ou da independência do país até 2020, como esquerdistas, centristas, direitistas ou não ideológicos. O estudo de Herre destaca que a ideologia dos líderes políticos influencia a formulação de políticas e o bem-estar social, e amplia significativamente a cobertura de conjuntos de dados anteriores, que se restringiam majoritariamente a países da OCDE. Para a presente pesquisa, classificamos os governos segundo a ideologia do(a) chefe do Executivo no ano em questão, considerando a codificação do Global Leader Ideology como indicador do posicionamento do governo na escala esquerda–centro-direita. Além das variáveis principais, incluiremos controles sociodemográficos para isolar os efeitos das variáveis de interesse sobre o engajamento em protestos.

**Figura 1 – Estrutura teórica do ativismo de protesto**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Para analisar a relação entre ideologia e protesto sob uma perspectiva comparada, utilizou-se um modelo logístico hierárquico, apropriado para dados organizados em múltiplos níveis (Gelman, 2006). As hipóteses testadas pressupõem que fatores ambientais, como níveis de polarização política e orientação do governo no poder, assim como o engajamento político dos indivíduos, moderam a relação entre ideologia e participação em protestos. A abordagem hierárquica é essencial para identificar diferenças contextuais entre países, como fatores de polarização e a ideologia do líder político, que podem influenciar a probabilidade de protestar (Garson, 2013). Além disso, o modelo permite estimar a proporção da variação explicada por fatores entre os países, contribuindo para uma compreensão mais refinada dos efeitos contextuais na relação entre ideologia e comportamento político.

## Resultados

Aproximadamente 46,5% dos respondentes não se posicionaram ideologicamente, o que configura uma taxa elevada de não resposta. A análise exploratória mostra que a omissão não é aleatória: ela se concentra em perfis de menor engajamento político, menor escolaridade e renda mais baixa. Esse padrão sugere que a não resposta pode enviesar a estimativa da relação entre ideologia e protesto, ao reduzir a representatividade de grupos menos politizados.

Para contornar o viés de não resposta e de seleção, utilizamos a técnica de imputação múltipla (Multiple Imputation). A imputação múltipla gera múltiplos conjuntos de dados para valores faltantes, utilizando informações observáveis de outras variáveis individuais como preditores. Essa abordagem permite aproveitar todas as observações disponíveis, reduzindo o viés decorrente de não respostas e tornando as estimativas mais robustas.

Foram estimados quatro modelos logísticos hierárquicos, com imputação múltipla. A análise do desvio-padrão entre os modelos indica que a inclusão progressiva de variáveis aumenta o poder explicativo do ajuste (Quadro 2).

**Quadro 2 – Desvio padrão do intercepto e ICC (%) nos modelos logísticos multiníveis**

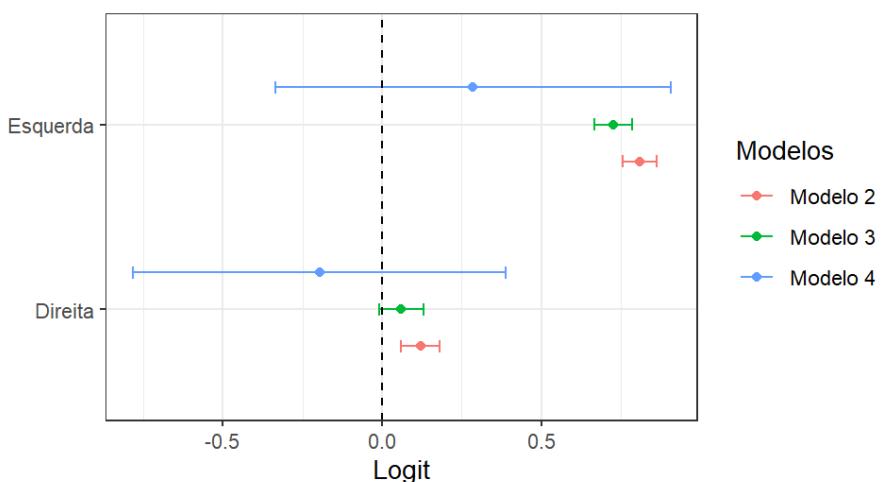
	SD do intercepto	ICC (%)
Modelo 1	0.8268	17.2
Modelo 2	0.8281	17.2
Modelo 3	0.8177	16.8
Modelo 4	0.7449	14.4

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Os procedimentos que adotamos, a imputação múltipla e a modelagem hierárquica, permitem reduzir vieses de não resposta e seleção. Com essas estratégias, buscamos dar uma resposta a alguns problemas clássicos do uso da variável ideologia em estudos comportamentais (Pereira, 2013), garantindo estimativas mais confiáveis.

Passamos agora à análise do efeito direto da ideologia sobre o protesto, comparando os modelos entre si (Gráfico 1). No modelo 2, a inclusão da ideologia revela que, em comparação com o grupo de referência (Centro), indivíduos de esquerda apresentam um aumento substancial na propensão a protestar ( $\beta = 0,12$ , SE = 0,029,  $p < 0,001$ ), enquanto o efeito da direita é positivo, porém mais modesto ( $\beta = 0,12$ , SE = 0,029,  $p < 0,001$ ). No modelo 3, que incorpora variáveis de nível 1 (engajamento, controles sociodemográficos), a diferença significativa da esquerda é atenuada ( $\beta = 0,73$ , SE = 0,030,  $p < 0,001$ ), enquanto a direita perde significância ( $\beta = 0,06$ , SE = 0,035,  $p = 0,10$ ). Por fim, no modelo 4, a variável ideológica perde significância, indicando que o efeito da ideologia é mediado ou condicionado por contextos políticos e temas específicos.

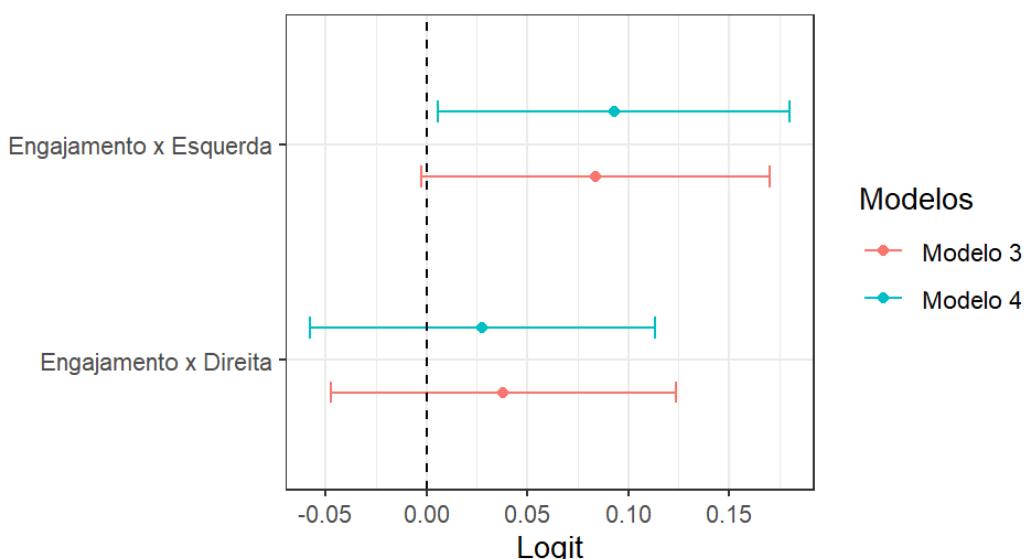
**Gráfico 1 – Efeito da ideologia sobre o protesto, controlado por outros fatores**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Os resultados preliminares acompanham a discussão que propomos na seção anterior de que as predisposições ideológicas são condicionadas por outros fatores, como engajamento político e aspectos da conjuntura política de cada país (Figura 1). Avançamos em nossas análises, agora testando a primeira hipótese: (*H1*) *a disponibilidade atitudinal modera a forma como os extremos ideológicos se traduzem em protesto* (Gráfico 2). Os resultados do modelo 3 indicam que a interação entre engajamento e ideologia não apresenta tendências significativas, ao passo que estar engajado em alguma organização tem um coeficiente alto e significativo ( $\beta = 0,53$ , SE = 0,025,  $p < 0,001$ ). A inclusão de variáveis de nível 2 no modelo 4 não contribui com alterações substantivas para essas tendências, embora a interação entre engajamento e esquerda tenha se tornado significativa ( $\beta = 0,09$ , SE = 0,044,  $p = 0,03$ ). Embora não haja evidências robustas de que a disponibilidade atitudinal modere sistematicamente a relação entre ideologia e protesto, os resultados sugerem que essa moderação pode ser mais pronunciada entre indivíduos de esquerda.

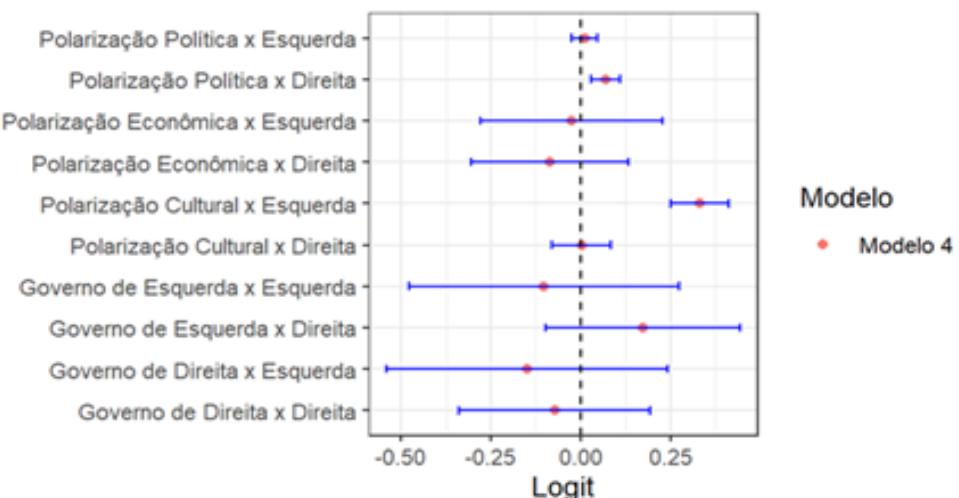
**Gráfico 2 – Efeito da interação entre engajamento e ideologia sobre o protesto (H1)**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Nossa segunda hipótese propõe que *o contexto de polarização política e a orientação do governo no poder moldam as condições em que indivíduos que se localizam nos extremos ideológicos decidem protestar*. O modelo 4 traz um conjunto de interações com indicadores políticos, sejam elas as medidas de polarização (política, econômica e cultural) ou o perfil ideológico do governo em vigor (Gráfico 3).

As únicas interações significativas foram a polarização sobre temas culturais (apoio ao aborto, homossexualidade, prostituição e divórcio) para esquerda ( $\beta = 0,33$ , SE = 0,041,  $p < 0,001$ ), e a polarização política (animosidade entre partidários de campos políticos opostos) para direita ( $\beta = 0,06$ , SE = 0,020,  $p < 0,001$ ). As demais interações foram insignificantes, demonstrando que a relação entre esses contextos e os grupos ideológicos não difere entre si. Os resultados nos ajudam a compreender que o impacto do contexto político é seletivo quando interage com o posicionamento ideológico, salientando aspectos distintos, a depender do campo ideológico.

**Gráfico 3 – Efeito da interação entre fatores contextuais e ideologia sobre o protesto (H2)**

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Vale ressaltar que, devido à natureza observacional dos dados, não é possível inferir causalidade direta. Engajamento político e ideologia podem ser parcialmente endógenos ao contexto político, o que pode influenciar a interpretação das interações observadas. Ainda assim, as estratégias de imputação múltipla e de modelagem hierárquica buscaram conferir maior robustez às análises. Estudos futuros poderiam adotar abordagens longitudinais ou outras estratégias de identificação para lidar com essas limitações.

## Discussão

Os resultados confirmam algumas tendências já conhecidas, como a maior propensão de indivíduos de esquerda a se engajar em protestos. No entanto, a interação entre engajamento político e posicionamento à esquerda, embora significativa, não é tão robusta quanto se poderia esperar. Um aspecto relevante que emerge é o papel da polarização cultural, que indica uma inovação no perfil do militante de esquerda: questões culturais e identitárias, como direitos LGBTQIA+, aborto e divórcio, ganham protagonismo, enquanto os temas econômicos tradicionais perdem relevância. Isso sugere uma transformação nos determinantes da mobilização de esquerda, refletindo novas prioridades sociais e políticas.

Na linha da discussão sobre o conceito de “guerra cultural” proposto por Hunter (2022), observa-se um conflito normativo entre visões de mundo concorrentes sobre o que é considerado bom ou ideal, polarizando atitudes entre posturas conservadoras e progressistas. Um ponto central desse debate é a institucionalização do conflito, que se manifesta nas ruas e na mobilização social. Nesse contexto, o liberalismo político, enquanto princípio estruturante do regime democrático, enfrenta dificuldades para acomodar essas tensões, configurando uma nova arena de disputas e gerando pressões sociais crescentes sobre as elites.

Esses argumentos ajudam a problematizar os interesses que motivam protestos de esquerda e de direita, sendo que este último grupo apresenta, em alguns casos, posturas menos democráticas, como ilustram a invasão do Capitólio nos EUA e a ocupação da Praça dos Três Poderes no Brasil. Dadas as questões que mobilizam cada

espectro ideológico, como a deferência à autoridade e normas do grupo (Duckitt; Bizumic, 2013; Stenner, 2005), a identificação com questões liberais (Mondak; Canache, 2010) e os valores de conformidade e segurança (Inzlicht; Lelkes, 2014), os cenários polarizados apontam para a crescente disputa de narrativas, inclusive iliberais, nas ruas.

Para a direita, os resultados apontam que a mobilização está fortemente associada à polarização política, mensurada pela animosidade entre apoiadores de campos opostos. Essa tendência parece refletir o perfil de movimentos de direita ao redor do mundo nos últimos anos, em que o conflito partidário e a hostilidade intergrupal funcionam como motores de engajamento. Esses achados indicam que as ruas estão se tornando uma arena cada vez mais heterogênea, onde diferentes grupos ideológicos respondem a tipos distintos de polarização e priorizam temas variados. Além disso, mostram que os debates próprios da democracia podem rivalizar com pautas muitas vezes antidemocráticas, evidenciando a complexidade contemporânea da ação coletiva e da contestação política.

## Conclusão

Este estudo testou duas hipóteses centrais sobre a relação entre ideologia e protesto. A primeira hipótese (H1) propôs que a disponibilidade atitudinal modera a relação entre posicionamentos ideológicos extremos e a probabilidade de engajamento em protestos. Os resultados indicaram que, embora não haja evidências robustas de que a disponibilidade atitudinal modere sistematicamente essa relação, a moderação pode ser mais pronunciada entre indivíduos de esquerda. A segunda hipótese (H2) sugeriu que o contexto de polarização política e a orientação do governo no poder influenciam as condições sob as quais indivíduos localizados nos extremos ideológicos optam por se mobilizar. Os achados mostraram que a polarização cultural tem um impacto significativo sobre a mobilização da esquerda, enquanto a polarização política afeta a direita. Portanto, as hipóteses foram parcialmente confirmadas, destacando a importância dos fatores contextuais e atitudinais na compreensão da dinâmica dos protestos.

## Referências

- ALMEIDA, Paul. *Movimientos sociales: la estructura de la acción colectiva*. Tradução de Lilia Mosconi. Buenos Aires: CLACSO, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctv1gm010t>.
- BEYERLEIN, Kraig; HIPP, John R. From pews to participation: The effect of congregation activity and context on bridging civic engagement. *Social Problems*, Knoxville, Tennessee, v. 53, n. 1, p. 97-117, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1525/sp.2006.53.1.97>
- BORBA, Julian; RIBEIRO, Ednaldo; FUKS, Mario. Polarization and ideology: exploring the contextual nature of democratic commitment. *Revista de Sociologia e Política*, v. 32, p. e006, 2024.
- BRADY, Henry E.; SNIDERMAN, Paul M. Attitude attribution: A group basis for political reasoning. *American Political Science Review*, Cambridge, v. 79, n. 4, p. 1061-1078, 1985. DOI: <https://doi.org/10.2307/1956248>
- BRANDT, Mark J.; SLEEGERS, Willem W. A. Evaluating belief system networks as a theory of political belief system dynamics. *Personality and Social Psychology Review*, Thousand Oaks, v. 25, n. 2, p. 159-185, 2021. DOI:
- CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics (1964). *Critical Review*, London, v. 18, n. 1-3, p. 1-74, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/08913810608443650>

DALTON, Russell J. Social modernization and the end of ideology debate: Patterns of ideological polarization. *Japanese Journal of Political Science*, London, v. 7, n. 1, p. 1-22, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1468109905002045>

DALTON, Russell J.; ROHRSCHNEIDER, Robert. Political action and the political context: a multi-level model of environmental activism. In: FUCHS, Dieter; ROLLER, Edeltraud; WEßELS, Bernhard (ed.). *Bürger und Demokratie in Ost und West: Studien zur politischen Kultur und zum politischen Prozess*. Festschrift für Hans-Dieter Klingemann. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2002. p. 333-350.

DALTON, Russell; VAN SICKLE, Alix; WELDON, Steven. The individual-institutional nexus of protest behaviour. *British Journal of Political Science*, v. 40, n. 1, p. 51-73, 2010.

DOWNEY, Gary L. Ideology and the clamshell identity: Organizational dilemmas in the anti-nuclear power movement. *Social Problems*, Knoxville, Tennessee, v. 33, n. 5, p. 357-373, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1525/sp.1986.33.5.03a00020>

DUCKITT, John; BIZUMIC, Boris. Multidimensionality of right-wing authoritarian attitudes: Authoritarianism-conservatism-traditionalism. *Political Psychology*, Cambridge, v. 34, n. 6, p. 841-862, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/pops.12022>

EISINGER, Peter K. The conditions of protest behavior in American cities. *American Political Science Review*, Washington, v. 67, n. 1, p. 11-28, 1973. DOI: <https://doi.org/10.2307/1958525>

ELLIS, Christopher; STIMSON, James A. *Ideology in america*. Cambridge University Press, 2012.

FEDERICO, Christopher; MALKA, Ariel. Ideology: The psychological and social foundations of belief systems. *PsyArXiv Preprints*, p. 1-86, 2021. Preprint. DOI: <https://doi.org/10.31234/osf.io/xhvjy>

FELDMAN, Stanley; CONOVER, Pamela Johnston. Candidates, issues and voters: The role of inference in political perception. *The Journal of Politics*, Austin, v. 45, n. 4, p. 810-839, 1983. DOI: <https://doi.org/10.2307/2130414>

FELDMAN, Stanley; JOHNSTON, Christopher D. Understanding political ideology: The necessity of a multi-dimensional conceptualization. In: APSA 2009. Toronto: American Political Science Association, 2009. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1451328#paper-citations-widget](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1451328#paper-citations-widget)

GALAIS, Carol; LORENZINI, Jasmine. Half a loaf is (not) better than none: How austerity-related grievances and emotions triggered protests in Spain. *Mobilization*, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 77-95, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17813/1086-671X-22-1-77>

GARSON, G. David. Fundamentals of hierarchical linear and multilevel modeling. In: GARSON, G. David (ed.). *Hierarchical linear modeling: Guide and applications*. London: Sage, 2013. p. 3-25. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781483384450.n1>

GELMAN, Andrew. Multilevel (hierarchical) modeling: What it can and cannot do. *Technometrics*, Richmond, v. 48, n. 3, p. 432-435, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1198/004017005000000661>

GRAHAM, Matthew H.; SVOLIK, Milan W. Democracy in America? Partisanship, polarization, and the robustness of support for democracy in the United States. *American Political Science Review*, Washington, v. 114, n. 2, p. 392-409, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0003055420000052>

GRASSO, Maria T.; GIUGNI, Marco. Protest participation and economic crisis: The conditioning role of political opportunities. *European Journal of Political Research*, Dordrecht, v. 55, n. 4, p. 663-680, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12153>

GUTTING, Raynee Sarah. Contentious activities, disrespectful protesters: Effect of protest context on protest support and mobilization across ideology and authoritarianism. *Political Behavior*, New York, v. 42, n. 3, p. 865-890, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11109-018-09523-8>

HERRE, Bastian. Identifying ideologues: A global dataset on political leaders, 1945–2020. *British Journal of Political Science*, London, v. 53, n. 2, p. 740-748, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0007123422000217>

HUNTER, James Davison A guerra cultural contínua. *Políticas Culturais em Revista*, Olinda, v. 15, n. 1, p. 22-62, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i1.48385>

INGLEHART, R.; WELZEL, C.; *Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. São Paulo, Francis, 2009.

JOST, John T.; FEDERICO, Christopher M.; NAPIER, Jaime L. Political ideologies and their social psychological functions. In: FREEDEN, Michael; STEARS, Marc (ed.). *The Oxford Handbook of Political Ideologies*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 232-250. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199585977.013.0024>

KELLY, Caroline; BREINLINGER, Sara. *The social psychology of collective action: Identity, injustice and gender*. London & New York: Routledge, 1996.

KLANDERMANS, Bert. Mobilization and participation: Social-psychological expansions of resource mobilization theory. *American Sociological Review*, Thousand Oaks, v. 49, n. 5, p. 583-600, 1984. DOI: <https://doi.org/10.2307/2095417>

KLANDERMANS, Bert. The social construction of protest and multiorganizational fields. In: MORRIS, Aldon D.; MUELLER, Carol McClurg (ed.). *Frontiers in social movement theory*. Yale: Yale University Press, 1992. p. 77-103.

KLANDERMANS, Bert; ROEFS, Marlene; OLIVIER, Johan. Grievance formation in a country in transition: South Africa, 1994-1998. *Social Psychology Quarterly*, Albany, v. 64, n. 1, p. 41-54, 2001. DOI: <https://doi.org/10.2307/3090149>

KLEINER, Tuuli-Marja. Does ideological polarisation mobilise citizens?. *European Political Science*, v. 19, n. 4, p. 573-602, 2020.

KLEINER, Tuuli-Marja. Public opinion polarisation and protest behaviour. *European Journal of Political Research*, Dordrecht, v. 57, n. 4, p. 941-962, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12260>

KOSTELKA, Filip; ROVNY, Jan. It's not the left: Ideology and protest participation in old and new democracies. *Comparative Political Studies*, Beverly Hills, v. 52, n. 11, p. 1677-1712, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/0010414019830717>

KROH, Martin. Measuring left-right political orientation: The choice of response format. *Public Opinion Quarterly*, New York, v. 71, n. 2, p. 204-220, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1093/poq/nfm009>

KURER, Thomas; HÄUSERMANN, Silja; WÜEST, Bruno; ENGGIST, Matthias. Economic grievances and political protest. *European Journal of Political Research*, Dordrecht, v. 58, n. 3, p. 866-892, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12318>

LAFFERTY, William M.; KNUTSEN, Oddbjørn. Leftist and rightist ideology in a social democratic state: An analysis of Norway in the midst of the conservative resurgence. *British Journal of Political Science*, London, v. 14, n. 3, p. 345-367, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0007123400003641>

MALKA, A.; SOTO, C. J.; INZLICHT, M.; LELKES, Y. Do needs for security and certainty predict cultural and economic conservatism? A cross-national analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(6), 1031, 2014.

MCADAM, Doug. Recruitment to high-risk activism: The case of freedom summer. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 92, n. 1, p. 64-90, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1086/228463>

MELUCCI, Alberto. Getting involved: Identity and mobilization in social movements. In: KLANDERMANS, Bert; HANSPETER, Kriesi; TARROW, Sidney (ed.). *International social movement research*. London: JAI Press, 1988. p. 329-339. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/130155005/Melucci-Alberto-Getting-Involved-Identity-and-Mobilization-in-Social-Movements>

MONDAK, Jeffery J.; CANACHE, Damarys. Personality and political culture in the American states. *Political Research Quarterly*, v. 67, n. 1, p. 26-41, 2014.

OPP, Karl-Dieter. *Theories of political protest and social movements: A multidisciplinary introduction, critique, and synthesis*. London: Routledge, 2009. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203883846>

PEREIRA, Frederico Batista. Sofisticação política e opinião pública no Brasil: revisitando hipóteses clássicas. *Opinião Pública*, Campinas, v. 19, p. 291-319, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762013000200003>

POLLETTA, Francesca; JASPER, James M. Collective identity and social movements. *Annual Review of Sociology*, Palo Alto, v. 27, n. 1, p. 283-305, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.283>

RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. Participação política, extremismo ideológico e dogmatismo. *Teoria & Pesquisa*, v. 29, n. 2, 2020.

RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian; FUKS, Mario. Tolerância política e ativismo de protesto no Brasil: efeitos comportamentais do apoio a direitos políticos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 38, p. e255478, 2022.

SCHUSSMAN, Alan; SOULE, Sarah A. Process and protest: Accounting for individual protest participation. *Social Forces*, Chapel Hill, v. 84, n. 2, p. 1083-1108, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1353/sof.2006.0034>

SNOW, David A; BENFORD, Robert D. Ideology, frame resonance, and participant mobilization. *International Social Movement Research*, [Cham], v. 1, p. 197-217, 1988. Disponível em: <https://users.ssc.wisc.edu/~oliver/SOC924/Articles/SnowBenfordIdeologyframeresonanceandparticipantmobilization.pdf>

STENNER, Karen. Three kinds of “conservatism”. *Psychological Inquiry*, Mahwah, v. 20, n. 2/3, p. 142-159, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/10478400903028615>

STENNER, Paul. Rights and emotions or: The importance of having the right emotions. *History & Philosophy of Psychology*, v. 7, n. 1, p. 1-11, 2005.

STÜRMER, Stefan; SIMON, Bernd. The role of collective identification in social movement participation: A panel study in the context of the German gay movement. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Thousand Oaks, v. 30, n. 3, p. 263-277, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1177/0146167203256690>

SVOLIK, Milan W. Polarization versus democracy. *Journal of Democracy*, Baltimore, v. 30, n. 3, p. 20-32, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1353/jod.2019.0039>

TARROW, Sidney. *O poder em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DER MEER, Tom W. G.; VAN DETH, Jan W.; SCHEEPERS, Peer L. H. The politicized participant: Ideology and political action in 20 democracies. *Comparative Political Studies*, Leicester, v. 42, n. 11, p. 1426-1457, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/0010414009332136>

WHITFORD, Andrew B.; YATES, Jeff; OCHS, Holona L. Ideological extremism and public participation. *Social Science Quarterly*, Austin, v. 87, n. 1, p. 36-54, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0038-4941.2006.00367.x>

#### \*Minicurriculum dos Autores:

**Daniel Rocha.** Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2024). Pós-doutorando junto ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Representação e Legitimidade Democrática (INCT-ReDem). Pesquisa financiada pelo CNPq (Processo Nº 406649/2022-7). E-mail: daniel.leonel.rocha@gmail.com.

**Ednaldo Ribeiro.** Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (2008). Docente junto ao Departamento de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá. Pesquisa financiada pelo CNPq (Processo Nº 406649/2022-7). E-mail: ednaldoribeiro@icloud.com.

Avaliador 3: Matheus Cavalcanti Pessoa  [Parecer 3](#)  
Editor de Seção: Jorge Chaloub .

#### Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

## Apêndice Metodológico

### Apêndice 1 – Coeficientes de regressão logística hierárquica: preditores do protesto

<i>Predictors</i>	<b>Modelo 1</b>		<b>Modelo 2</b>		<b>Modelo 3</b>		<b>Modelo 4</b>	
	<i>Logit</i>	<i>std. Error</i>						
(Intercept)	- 2.00 ***	(0.10)	- 2.21 ***	(0.10)	- 2.48 ***	(0.11)	- 3.51 ***	(0.90)
Ideologia [Direita]			0.12 ***	(0.03)	0.06	(0.03)	-0.19	(0.29)
Ideologia [Esquerda]			0.81 ***	(0.02)	0.72 ***	(0.03)	0.28	(0.31)
Engajamento [0-3]					0.52 ***	(0.02)	0.52 ***	(0.02)
Educação [Superior]					0.63 ***	(0.02)	0.62 ***	(0.02)
Renda [Alta]					0.11 ***	(0.03)	0.11 ***	(0.03)
Sexo [Mulher]					- 0.30 ***	(0.02)	0.78 ***	(0.02)
Idade					0.001 **	(0.00)	0.001 **	(0.00)
Ideologia [Direita] × Engajamento	x				0.03	(0.04)	0.02	(0.04)
Ideologia [Esquerda] × Engajamento	x				0.08	(0.04)	0.09 *	(0.04)
Polarização Política							0.07	(0.06)
Polarização Cultural							0.22 *	(0.09)
Polarização Econômica							0.15	(0.35)
Governo [direita]							0.20	(0.37)
Governo [esquerda]							-0.23	(0.37)
Ideologia [Direita] × Polarização Política	x						0.06 ***	(0.02)
Ideologia [Esquerda] × Polarização Política	x						0.01	(0.01)
Ideologia [Direita] × Polarização Cultural	x						0.002	(0.04)
Ideologia [Esquerda] × Polarização Cultural	x						0.33 ***	(0.04)
Ideologia [Direita] × Polarização Econômica	x						-0.08	(0.11)
Ideologia [Esquerda] × Polarização Econômica	x						-0.02	(0.12)

Ideologia [Direita] × Governo [direita]	-0.07	(0.13)
Ideologia [Esquerda]× Governo [direita]	-0.14	(0.19)
Ideologia [Direita] × Governo [esquerda]	0.17	(0.13)
Ideologia [Esquerda]× Governo [esquerda]	-0.10	(0.19)
<b>Random Effects</b>		
SD	0.82	0.82
ICC	0.17	0.17
0.16	0.16	0.14

\* p<0.05 \*\* p<0.01 \*\*\* p<0.001

## Apêndice 2 – Diagnóstico de Multicolinearidade: Resultados do VIF

# Check for Multicollinearity							
<b>Low Correlation</b>							
Term	VIF	VIF	95% CI	Increased SE	Tolerance	Tolerance	95% CI
engajamento	2.10	[ 2.08,	2.12]	1.45	0.48	[0.47,	0.48]
polarização	1.09	[ 1.08,	1.10]	1.04	0.92	[0.91,	0.92]
pol_cultural	1.17	[ 1.16,	1.17]	1.08	0.86	[0.85,	0.86]
pol_economica	1.03	[ 1.02,	1.04]	1.02	0.97	[0.96,	0.98]
governo	1.07	[ 1.06,	1.08]	1.03	0.94	[0.93,	0.94]
renda	1.03	[ 1.02,	1.03]	1.01	0.97	[0.97,	0.98]
educação	1.03	[ 1.03,	1.04]	1.02	0.97	[0.96,	0.97]
sexo	1.01	[ 1.00,	1.02]	1.00	0.99	[0.98,	1.00]
idade	1.03	[ 1.02,	1.03]	1.01	0.97	[0.97,	0.98]
ideologia:engajamento	2.93	[ 2.89,	2.96]	1.71	0.34	[0.34,	0.35]
<b>High Correlation</b>							
Term	VIF	VIF	95% CI	Increased SE	Tolerance	Tolerance	95% CI
ideologia	16014.35	[15808.41,	16222.96]	126.55	6.24e-05	[0.00,	0.00]
ideologia:polarização	315.80	[ 311.75,	319.91]	17.77	3.17e-03	[0.00,	0.00]
ideologia:pol_cultural	41.77	[ 41.24,	42.31]	6.46	0.02	[0.02,	0.02]
ideologia:pol_economica	8056.74	[ 7953.13,	8161.69]	89.76	1.24e-04	[0.00,	0.00]
ideologia:governo	362.38	[ 357.73,	367.10]	19.04	2.76e-03	[0.00,	0.00]

A análise de multicolinearidade, realizada por meio do Variance Inflation Factor (VIF), indicou valores baixos para a maioria dos preditores, sugerindo ausência de problemas relevantes. Entretanto, os termos de interação apresentaram VIFs elevados. Esse resultado é esperado, dado que interações tendem a compartilhar variância com as variáveis principais do modelo. Ainda assim, mesmo em modelos multiníveis, recomenda-se cautela na interpretação desses coeficientes, uma vez que a multicolinearidade pode inflar erros-padrão e reduzir a precisão das estimativas.